

CARACTERIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE OUVIR VOZES

THYLIA TEIXEIRA SOUZA¹; LUIZA HENCES DOS SANTOS²; LUCIANE PRADO KANTORSKI³

¹Universidade Federal de Pelotas – thyliaSouza@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – h_luiza@live.com

³Universidade Federal de Pelotas – kantorski@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ouvir vozes tem sido uma experiência vivenciada em diferentes épocas e contextos socioculturais e de significados bastante diversos (BARROS; JÚNIOR, 2014). Desde os primórdios, o fenômeno de ouvir vozes é conhecido como sinônimo de doença e loucura, sendo sempre associado à esquizofrenia e à crença de que não haveria um tratamento suficientemente eficaz, capaz de proporcionar aos indivíduos uma vida cotidiana “normal” (WOODS, 2013). Geralmente não é uma experiência da qual se fala, pois socialmente é estigmatizante e indesejada, sendo 4% a 10% das pessoas em todo mundo que ouvem vozes (BAKER, 2016). De acordo com Romme e Escher (1997), 2% a 4% da população adulta em que as vozes são experimentadas não são em si mesmas um sinal de doença.

Conforme Baker (2016), diversas pessoas que tem a experiência da escuta das vozes lidam com suas vozes e as consideram uma parte positiva de suas vidas. No entanto, as vozes podem ter um efeito muito perturbador tanto para quem ouve essas vozes quanto para familiares e amigos. O fato de que as vozes podem ser positivas torna-se difícil de conciliar devido a forma negativa que esta experiência é considerada pela psiquiatria tradicional.

Segundo Romme e Escher (1989), a psiquiatria em suas abordagens convencionais ignoram o significado da experiência do ouvidor de voz, concentrando-se apenas na remoção dos sintomas (alucinações auditivas) pelo uso de medicações antipsicóticas.

As pessoas que conseguem entender-se com suas vozes possuem uma vantagem decisiva de resistência maior, encarando as vozes não apenas como experiência psicológica individual isolada, mas como um fenômeno interativo que reflete a relação do indivíduo com o seu meio e vice versa, pois as vozes vão além de um fenômeno psicológico, são também um fenômeno social (ROMME; ESCHER, 1997).

De acordo com pesquisas, 70% a 90% das pessoas que ouvem vozes iniciam após eventos traumáticos. Torna-se importante explorar o gatilho destas vozes, os traumas e emoções envolvidas pois aprender a lidar com estas emoções é necessário para o processo de recuperação e a aprender a lidar com as vozes (BAKER, 2016). A partir do que foi exposto, este trabalho objetiva caracterizar as vozes referidas por ouvidores de vozes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa referente ao curso “Seminário: Ouvidores de Vozes – movimento, experiências e práticas” ofertado para profissionais, ouvidores de vozes e acadêmicos de graduação e pós-graduação pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Neste curso

foi proposto que os participantes aplicassem a Entrevista Estruturada de Maastricht em ouvintes de vozes que eles tivessem acesso, tanto nos serviços de saúde mental quanto nos seus meios sociais. A entrevista de Maastricht foi desenvolvida por Marius Romme, Sandra Escher e Patsy Hage na Holanda. O curso foi ministrado no período de fevereiro a abril de 2017 sendo realizado uma vez por semana com duração de quatro horas. Foram realizadas oito entrevistas pelos participantes, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra. Dessas, seis entrevistas foram realizadas com ouvintes que frequentavam serviços de saúde mental, e duas com ouvintes que não tinham acompanhamento. Além das entrevistas, foram utilizadas anotações realizadas em diário de campo. Os dados deste curso integram o projeto de pesquisa denominado “Ouvintes de Vozes”, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 844/855 de 2014 da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados nas entrevistas apresentam diversas caracterizações expressas pelos ouvintes de vozes através da Entrevista Estruturada de Maastricht. Algumas características com relação às vozes foram citadas como o sexo, quantidade de vozes, frequência de aparecimento destas vozes, identificação (sexo, idade), momento em que elas surgem, conteúdo (positivo ou negativo). Também foram relatados a localização destas vozes (dentro da cabeça, no peito, ao lado por exemplo).

A identidade é derivada das características das vozes onde muitas pessoas dão nomes às vozes ou ouvem vozes que se deram nomes. Também outras características como idade, sexo e a forma como a voz se dirige ao ouvinte: autoritária, crítica, útil (BAKER, 2016). Para Romme et al (2009), através da identidade, conteúdo e características das vozes podem indicar quem estas representam e quais os problemas que elas representam.

De acordo com pesquisa realizada por Beavan e Read (2010), a pessoa que ouve conteúdo de voz negativo aumenta a probabilidade de ter uma resposta emocional negativa, de ter contato com os serviços de saúde mental e serem mais propensas a ter vozes que falam ou discutem entre si e que comentam sobre eles. Além destas vozes permanecerem por períodos mais longos, perturbarem o contato com outras pessoas, assumirem seus pensamentos e sobre o qual eles tem menos controle. Entretanto, as pessoas que ouvem vozes positivas são significativamente mais propensas a influenciar suas vozes (WOODS et al, 2015).

O conteúdo da voz é o preditor mais significativo de ambos fatores emocionais, reações às experiências de voz e se pessoa procura ou não fora e/ou recebe ajuda para suas experiências através de análises das características das vozes (BEAVAN; READ, 2010).

Ter o entendimento e aceitação que as vozes pertencem ao ouvinte e que estão relacionadas às suas histórias de vida e que de fato são reais. Dar sentido às vozes envolve reconhecer a existência de uma relação entre as vozes e experiências traumáticas no intuito de adquirir informações sobre os eventos da vida e a relação entre as vozes (BAKER, 2016).

Segundo Romme e Escher (1997), estimular o ouvinte de vozes a familiarizar-se mais com a voz, gera um aprendizado progressivo de conhecimento desta voz no mesmo modo em que fala com outras pessoas. Falando da sua experiência de audição de vozes reduz a ansiedade e a frequência com que elas surgem e por fim, que o mesmo acostuma-se com sua

presença. Falar das características através da forma como se comunica com a pessoa obtém-se mais esclarecimentos sobre o seu significado para a vida cotidiana deste ouvidor.

Percebe-se quão essencial tornam-se caracterizar estas vozes, pois auxiliam nas desmetificação e na compreensão desta experiência como processo pessoal e com isso, buscar estratégias que possam nortear a mudança de relação com estas vozes.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho podemos concluir que a partir da compreensão e caracterização das vozes experienciadas pelos ouvidores de vozes é possível estabelecer estratégias para lidar com estas, tornando esta experiência menos estressante e traumática para este indivíduo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, P. **Abordagem de Ouvir Vozes: Treinamento Brasil**. Tradução de Lindsei Ferreira Lansky. CENAT – Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas, 2016.
- BARROS, O. C. JÚNIOR, O. D. S. Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. **Comunicação Saúde Educação**, V.18, n. 50, 557-69p, 2014.
- BEAVAN, V. READ, J. Hearing Voices and Listening to What They Say The Importance of Voice Content in Understanding and Working With Distressing Voices. **The Journal of Nervous and Mental Disease**. V.198, n.3, 201-204p, 2010.
- ROMME, M. A. ESCHER, A. D. Hearing voices. **Schizophrenia bulletin**, v.15, n.2, 1989.
- ROMME, M. ESCHER, S. DILLON, J. CORSTENS, D. MORRIS, M. **Living with Voices: 50 Stories of Recovery**. PPCS Books in association with BIRMINGHAM City University, 2009.
- ROMME, M. ESCHER S. **Na companhia das vozes: para uma análise da experiência de ouvir vozes**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- WOODS, A. The voice-hearer. **Journal of Mental Health**, v.22, n.3, 2013.
- WOODS, A. JONES, N. ALDERSON-DAY, B. CALLARD, F. FERNYHOUGH, C. Experiences of hearing voices: analysis of a novel phenomenological survey. **Lancet Psychiatry**. V.2, 323-331p, 2015.